

# ICONOGRAFIA DA BEIRA VALÃO: FACHADAS DO CANAL CAMPOS-MACAÉ - CAMPOS DOS GOYTACAZES/RJ

ICONOGRAPHY OF BEIRA VALÃO: FACADES OF THE CAMPOS-MACAÉ CANAL - CAMPOS DOS GOYTACAZES/RJ

ICONOGRAFÍA DE BEIRA VALÃO: FACHADAS DEL CANAL CAMPOS-MACAÉ - CAMPOS DOS GOYTACAZES/RJ

**OLIVEIRA, FAGNER DAS NEVES DE**

Doutor em Arquitetura – PROARQ/UFRJ, Instituto Federal Fluminense – IFF, fagner.oliveira@iff.edu.br

## RESUMO

Este trabalho está inserido na dinâmica da paisagem urbana, na cultura construtiva e nos meios de produção do espaço urbano na leitura dos signos e padrões inseridos em seu contexto de modo que sua interpretação permita a identificação de representações sociais atuantes no lugar, seus rastros e indicativos. Com o objetivo de fazer uma leitura iconográfica dos signos e padrões inseridos nos elementos visuais nas fachadas das edificações e da comunicação visual dos estabelecimentos comerciais da via que margeia o trecho do Canal Campos-Macaé, mais conhecido como Beira Valão, em Campos dos Goytacazes/RJ, aponta em ilustrações os estereótipos urbanos que indicam, qualitativamente e quantitativamente, presenças de representações e identidades sociais. Esta leitura pode contribuir no entendimento da identidade do lugar, dos meios e subsídios de como as representações sociais são atraídas para o local, quem são os mais visados pelos estabelecimentos e atividades.

**PALAVRAS-CHAVE:** Estereótipos urbanos; Canal Campos-Macaé; Signos da paisagem; Iconografia

## ABSTRACT

This paper is inserted in the dynamics of the urban landscape, in the constructive culture and in the means of production of urban space in the reading of signs and patterns inserted in their context so that their interpretation allows the identification of social representations acting in the place, their traces and indicatives. With the aim of making an iconographic reading of the signs and patterns inserted in the visual elements on the facades of buildings and the visual communication of commercial establishments on the road that borders the stretch of Canal Campos-Macaé, better known as Beira Valão, in Campos dos Goytacazes/ RJ, points out in illustrations the urban stereotypes that indicate, qualitatively and quantitatively, the presence of social representations and identities. This reading can contribute to understanding the identity of the place, the means and subsidies for how social representations are attracted to the place, and who is most targeted by establishments and activities.

**KEYWORDS:** urban stereotypes; Campos-Macaé Canal; signs of the landscape; Iconography

## RESUMEN

Este trabajo se inserta en la dinámica del paisaje urbano, en la cultura constructiva y en los medios de producción del espacio urbano en la lectura de signos y patrones insertados en su contexto para que su interpretación permita la identificación de representaciones sociales que actúan en el lugar, sus trazas e indicativos. Con el objetivo de hacer una lectura iconográfica de los signos y patrones insertados en los elementos visuales de las fachadas de los edificios y la comunicación visual de los establecimientos comerciales en la vía que bordea el tramo del Canal Campos-Macaé, más conocido como Beira Valão, en Campos dos Goytacazes/ RJ, señala en ilustraciones los estereotipos urbanos que indican, cualitativa y cuantitativamente, la presencia de representaciones e identidades sociales. Esta lectura puede contribuir a comprender la identidad del lugar, los medios y subsidios sobre cómo las representaciones sociales son atraídas al lugar y quiénes son los más destinatarios de los establecimientos y actividades.

**PALABRAS CLAVE:** Estereótipos urbanos; Canal Campos-Macaé; Signais da paisagem; Iconografia

## INTRODUÇÃO

Toda cidade se transforma, afinal ela é o lugar onde se escreve a história do coletivo e preserva testemunhos de diferentes tempos que contribuem para a construção da memória urbana. A urbe é formada por um conjunto de múltiplas ações coletivas e individuais ao longo do tempo, na paisagem urbana há muitas dimensões e significados – reais, concretas, simbólicas e virtuais. A cidade é espaço de construção de identidades e dentro de seus espaços diferentes atores convivem, nem sempre de forma harmônica e nem sempre ao mesmo tempo, num cotidiano plural, polissêmico, singular e diverso.

Os signos e padrões inseridos no meio urbano, em seu traçado, nas fachadas das edificações, na cultura construtiva e nos meios de produção do espaço urbano trazem uma visão expressiva da cidade para os diferentes aparatos culturais capazes de decifrá-la. A cidade vivenciada em nossa rotina diária, espaço de relações e interações, pode ser interpretada de diferentes modos. Andar na cidade, andar pela cidade, passar por ela, passear por ela, olhar e ver, olhar e não ver, conhecer, reconhecer e inúmeros outros verbos podem ser acrescentados para descrever meios de experienciá-la.

A cidade é uma construção tensionada por atores e elementos, ladeados por conceitos, que agem nas mais diversas dimensões dos campos sociais, econômicos, culturais e ambientais, ou seja, uma multiplicidade de complexas relações interdisciplinares e interescolares. “Não se pode pensar ruas, praças, avenidas, passeios, casas ou prédios como elementos autônomos, mas como fatores de um conjunto; a cidade é resultado da atividade do conjunto que dinamiza suas estruturas, e se denomina contexto urbano” (FERRARA, 2009)

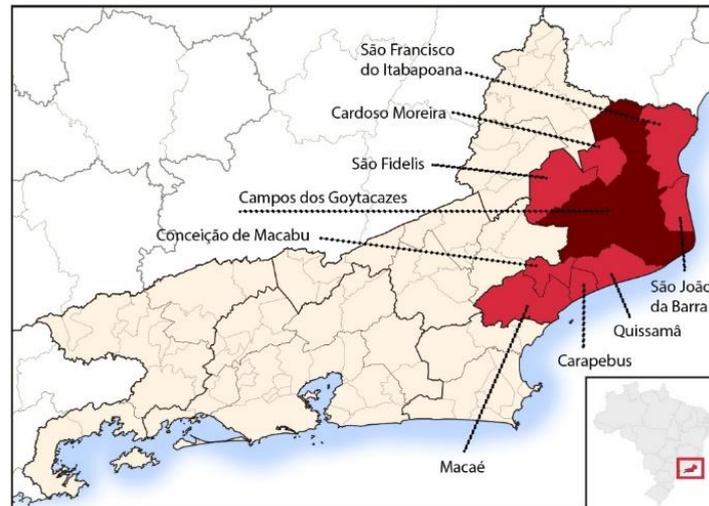
Viver a cidade e viver na cidade é simplesmente existir no seu dia a dia, um processo cotidiano, compartilhado e contínuo no qual todos se tornam corresponsáveis pela produção do seu espaço. Viver em sociedade é um dos pilares de formação do ser humano e de sua identidade e assim como a cidade influencia o seu habitante a recíproca também é verdadeira. Então se, de algum modo, a cidade influencia na formação do indivíduo, é possível afirmar que, sendo palco das interações humanas, ela reflete esses padrões e é influenciada por ele.

Consideramos a premissa que existam espaços na cidade que abrigam, com certa predominância, representações sociais e identidades culturais e que essas são refletidas no contexto urbano no qual estão inseridos por meio de signos na paisagem e que esses grupos possuem generalidades na construção de suas identidades que nos permitem identificá-las por essas características de forma ampla, pois são estereótipos de um recorte cultural/social.

Com isso em mente este trabalho tem por objetivo apresentar um estudo iconográfico dos signos da paisagem urbana explicitados nas fachadas das edificações do trecho reurbanizado do Canal Campos-Macaé, mais conhecida como Beira Valão, em Campos dos Goytacazes/RJ com o intuito de apontar estereótipos urbanos que permitam estabelecer uma relação entre as características arquitetônicas e elementos da comunicação visual dos estabelecimentos com as representações culturais e sociais dos atores urbanos. Apresentando a dinâmica espacial da “Beira Valão” na cidade de Campos dos Goytacazes e apontando a na iconografia das fachadas os estereótipos urbanos presentes nesta paisagem.

Nesse sentido faz-se necessário apresentar a base na qual serão feitos os estudos referentes a este trabalho. Campos dos Goytacazes, importante município da região Norte Fluminense (Figura 1), tem uma população de 483.551 mil habitantes, é a quinta cidade mais populosa do estado do Rio de Janeiro segundo o Censo de 2022 e também o maior município em extensão territorial, com uma área de 4.032,487 km<sup>2</sup> (IBGE, 2022). A chamada Planície Goitacá, terra do feroz índio goitacá e domínio dos sete capitães, tem sua história entrelaçada com a história do País, remonta ao Brasil Colônia e perpassa até os dias atuais.

Figura 1: Localização de Campos dos Goytacazes e demais municípios na Região Norte Fluminense

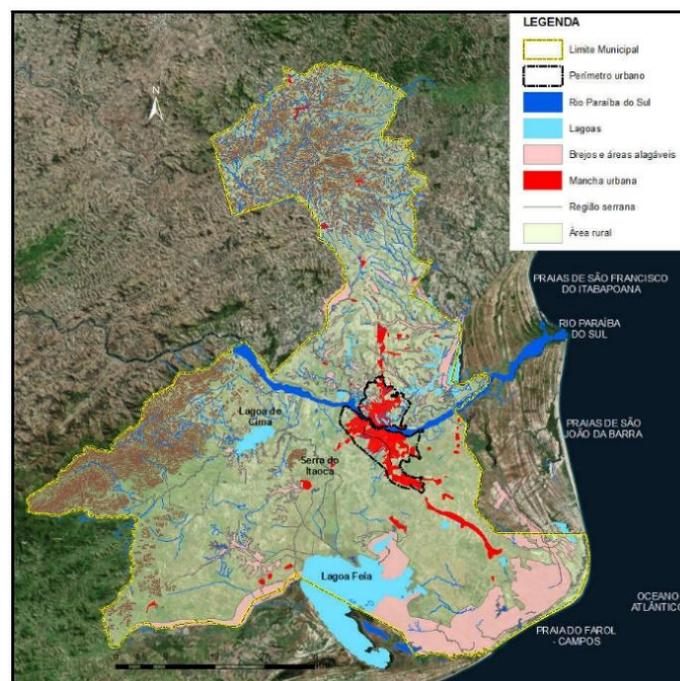


Fonte: IBGE (2023) - modificado pelo autor.

Na formação de sua identidade e sua herança histórica podemos trazer as ascendências da economia açucareira, por meio da exportação da cana-de-açúcar, da escravidão, grandes obras de engenharia à época do Brasil Império, pioneirismo em geração e distribuição de energia elétrica e, se trouxermos para o cenário econômico mais atual, podemos associar a cidade à exploração de petróleo e à riqueza dos royalties. Em sua costa encontra-se uma das mais importantes bacias petrolíferas do país, a Bacia de Campos, fazendo com que a cidade receba junto com Macaé, o título de Capital Nacional do Petróleo.

Apesar da grande extensão territorial, a cidade possui uma mancha urbana relativamente pequena, um pouco espreada em relação aos distritos, porém seu núcleo principal é bem compacto (Figura 2). O perímetro urbano é dividido quase ao meio pelo rio Paraíba do Sul. Ao sul o distrito sede de Campos possui os bairros mais antigos e abastados da cidade e um contexto urbano mais denso, já ao norte o distrito de Guarús, historicamente marginalizado, ainda mantém parte de seu suporte geobiofísico natural, apesar de apresentar vulnerabilidades ambientais.

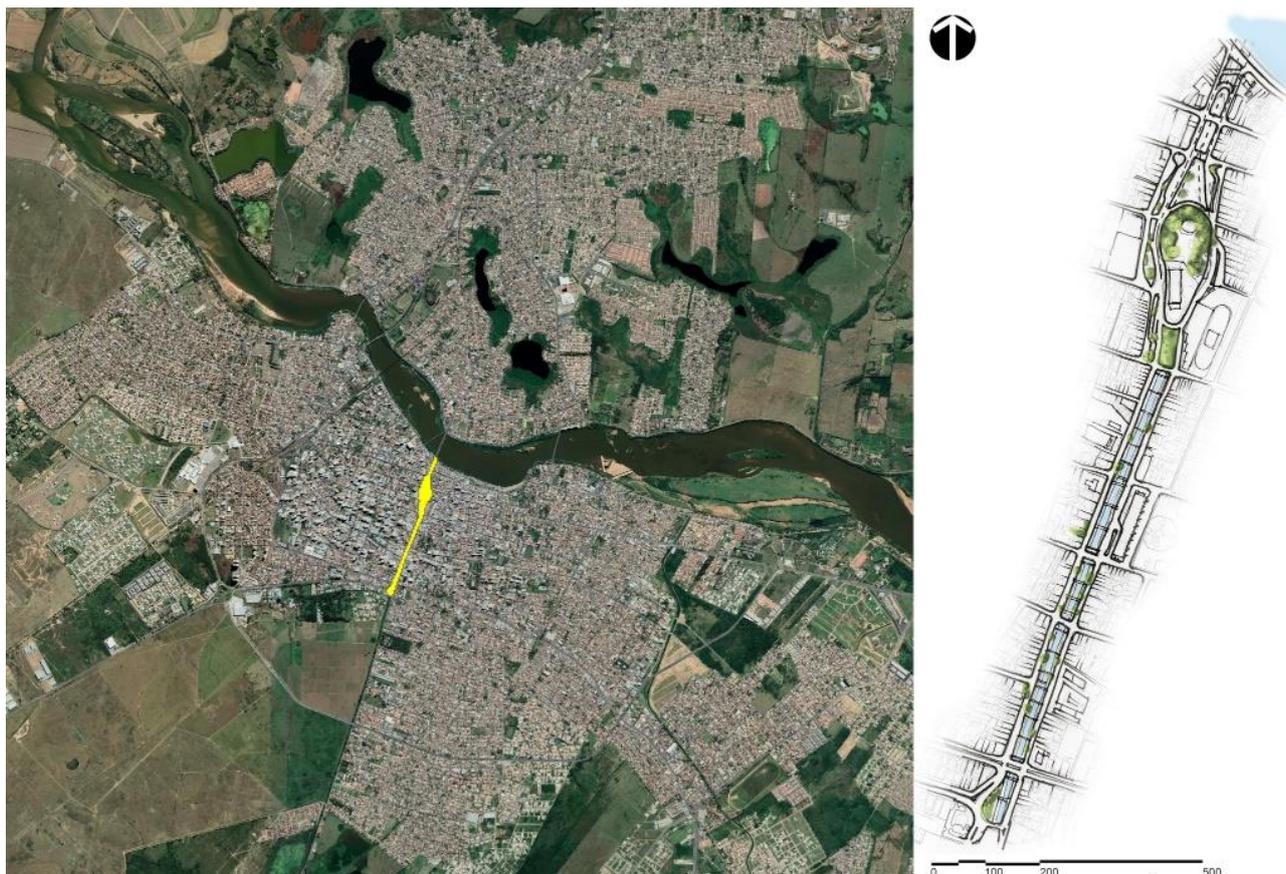
Figura 1: Município de Campos dos Goytacazes



Fonte: Aliprandi (2017).

O recorte espacial desta pesquisa está inserido na paisagem urbana de Campos dos Goytacazes, mais precisamente no trecho urbanizado o Canal Campos-Macaé e seu entorno (Figura 3), em um segmento com aproximadamente 1500 metros de extensão, de onde se contempla uma paisagem muito densa e rica, com grande complexidade devido a suas muitas camadas sobrepostas ao longo do tempo. O Canal tem uma biografia que se entrelaça à vida da cidade e possui uma herança construída, física e simbolicamente, que não torna possível distinguir do contexto social, econômico, político e cultural do município como um todo.

Figura 3: Localização do Canal Campos-Macaé na mancha urbana de Campos dos Goytacazes.



Fonte: Google Earth - modificado pelo autor (2023) e Representação autoral (2022)

A Beira Valão tem uma forte presença no cotidiano campista, muito pela sua posição geográfica, pois se localiza no centro da cidade e a avenida em suas margens é eixo de ligação para quase todo o território, inclusive ali ficam a Rodoviária Roberto Silveira (rodoviária intermunicipal e distrital) e o Mercado Municipal, sendo um elemento de grande movimentação. Não podemos deixar de considerar sua característica monumental da sua estrutura, o trecho urbanizado em Campos dos Goytacazes do canal Campos-Macaé foi tombado pelo INEPAC (registrado sob o número E-18/001134/2002, possui tombamento provisório datado de 30/12/2002) e passou por uma obra de restauração e urbanização em 2011, passando a ostentar vários arcos em toda sua extensão. Existem outros elementos que sempre chamam a atenção, considerados estereótipos da Beira Valão, o mau cheiro peculiar e a paisagem sonora caracterizada principalmente pelo do trânsito intenso, da rodoviária e do Mercado Municipal que fazem um contraponto com o florescer dos ipês amarelos que embelezam a paisagem do lugar (Figura 4).

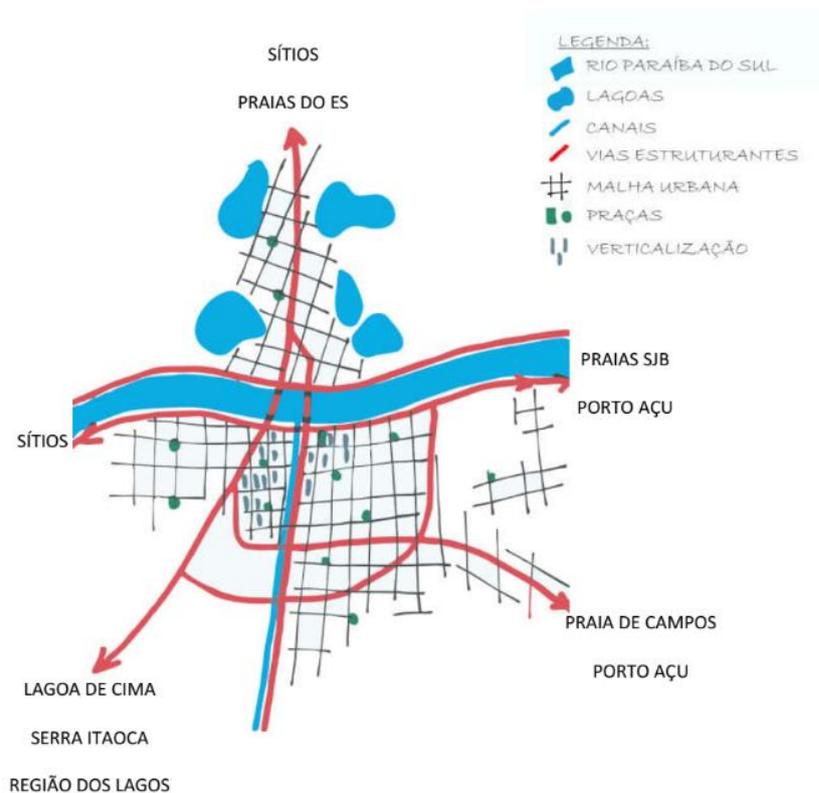
Figura 4: A floração dos ipês amarelos no Canal Campos-Macaé.



Fonte: G1 - Globo (2020) - modificado pelo autor

Como um complemento de escoamento de produção o Canal Campos-Macaé, que liga as cidades de Campos dos Goytacazes e Macaé no Estado do Rio de Janeiro, com 109 quilômetros de extensão é citado como segundo maior Canal artificial do mundo, datando da época do Brasil imperial e tem seu início localizado no centro da cidade de Campos, na margem direita do rio Paraíba do Sul, onde é popularmente conhecido como “Beira Valão”. No esquema gráfico apresentado por Aliprandi (2017) sobre o sistema de espaços livres da cidade ele é o elemento que representa os canais da cidade, devido à sua importância, seu tamanho e sua localização (Figura 5).

Figura 5: Esquema gráfico apresentando o Sistema de Espaços Livres de Campos dos Goytacazes/RJ



Fonte: (ALIPRANDI, 2017)

O método de pesquisa desenvolvido neste trabalho, que representa o objetivo traçado, envolve um Estudo de Caso, cujo objeto de estudo - estereótipos urbanos - é analisado especificamente no contexto da paisagem da "Beira Valão". Conforme Groat e Wang (2013).

Fazendo uso da arquitetura como fonte documental principal, foram aplicadas diferentes estratégias combinadas para alcançar os objetivos apresentados. Para construir as bases da pesquisa foi importante uma revisão bibliográfica que busca apontar e entender os conceitos que erigem o modo de análise, pesquisa documental em legislações e pesquisas de campo que ajudaram a delimitar e identificar o estudo de caso, que se inicia na contextualização da formação da paisagem da "Beira Valão".

A pesquisa qualitativa compila conteúdos, mapas e informações de base para entendimento do objeto do estudo de caso as quais requerem um cruzamento com os conceitos estudados, as funções simbólicas e seus significados para, então, apresentar resultados baseados em análises subjetivas e argumentativas.

A utilização da lógica argumentativa como estratégia de estudo infere sobre o papel da representação e identidade no reconhecimento dos estereótipos e relacionar a simbologia enredada no uso desses espaços.

Para isso, houve a necessidade de uma classificação e categorização dos signos percebidos na comunicação visual urbana dessa paisagem, buscando nesses identificar os elementos que se configurem estereótipos que apontem a presença das representações sociais. Nesse ponto faz-se necessário, também, justificar o modo de representação e demonstração aplicados ao estudo.

O uso de desenhos autorais, representações monocromáticas desenvolvidas a mão livre utilizando técnicas de nanquim e aquarela, como modo de estudo e análise dos elementos entendidos como estereótipos arquitetônicos são de grande relevância ao aplicar relação de descontextualização do lugar e do direcionamento dos signos indicativos de tais estereótipos.

É importante ressaltar que a representação autoral é uma interpretação própria e que não há imparcialidade na definição dos estereótipos, os quais foram definidos a partir de uma imersão na paisagem, pela observação e interpretação das características locais feitas por um pesquisador.

O processo de análise visual dos elementos que compõem a paisagem da Beira Valão prevê uma classificação e categorização para, assim, apontá-los como estereótipo urbano. Assim, a análise foi dividida em 2 partes: identificação e especificação.

Foram considerados somente os elementos imagéticos compilados na sua materialidade e nos subsídios de comunicação visual. Tanto a materialidade quanto a comunicação visual envolvem uma análise sobre os elementos encontrados sob uma ótica que avaliam, qualitativamente e quantitativamente, suas características, conservação e disposição de seus elementos

## DESENVOLVIMENTO

Para podermos alcançar os objetivos de identificação e classificação desses elementos da paisagem é necessário entender o que são estereótipos urbanos e como se relacionam com a paisagem numa condição espacial e ilustrar os modos de captação e leitura dos signos que os representam nessa paisagem, e para tal, como as possibilidades são inúmeras, é necessário definir quais ferramentas serão utilizadas.

Entender o conceito de paisagem é de suma importância para a compreensão do trabalho, pois o estudo parte do princípio que a paisagem funcione como um espelho, reproduzindo a imagem do contexto socioeconômico. Existe uma condição de herança na paisagem apresentada por Ab'Sáber (2003) ao apontar que existe herança de processos fisiográficos e biológicos, e pelo patrimônio coletivo das comunidades que historicamente atuaram no território.

A concepção de paisagem de Macedo (1999) entende que nela tem-se a constituição das combinações necessárias que abrangem sua complexidade, onde a mesma pode ser considerada

[...] expressão morfológica das diferentes formas de ocupação e, portanto, de transformação do ambiente em um determinado tempo, e é considerada como um produto e como um sistema; "como um produto porque resulta de um processo social de ocupação e gestão de um determinado território. Como um sistema, na medida em que, a partir de qualquer ação sobre ela impressa, com certeza haverá uma reação correspondente, que equivale ao surgimento de uma alteração morfológica parcial ou total. (MACEDO, 1999, p. 11)

Essa abordagem sistêmica abre espaço para o elemento simbólico-conceitual como agente de transformação e adicionarmos o entendimento da possibilidade de divisão da análise da paisagem em duas vertentes, considerada por Leite (1992, p. 45) como manifestação da criatividade humana. Ela ainda complementa que a paisagem se apresenta como um fato físico, objetivo e passível de categorização e também atua como um processo criativo contínuo, não sendo possível de apresentar um arranjo definitivo, de se identificar como uma realidade imóvel e sua concepção não pode ser estática. Ao tempo em que é construída coletivamente, rica em detalhes minuciosos é, também capaz de apresentar visões de conjunto, generalidades e, talvez pela sua complexidade qualitativa e dimensional, seja muito difícil sua apreensão global.

No caminho dessa possibilidade de categorização, busca-se na leitura da paisagem identificar o que consideramos estereótipos urbanos. Seriam os padrões encontrados no espaço urbano que de alguma forma demonstrem as diferentes representações sociais, econômicas e/ou culturais, apresentando em sua forma e comportamento signos indicadores do seu “predomínio” no espaço e na paisagem. A captura desses estereótipos é feita por intermédio da interpretação dos signos da paisagem, sendo signos uma definição dada pela semiótica.

Como ciência especial, a semiótica do ambiente urbano confirma a característica básica de uma postura da semiótica da ciência, ou seja, considera a evolução do pensamento e do conhecimento em contínua evolução. Repele-se qualquer relação que simplifique as afirmações para unificar, em uma linearidade temporal, o passado e o futuro, por meio da constatação dos dados do presente.

Nessa dinâmica, o conhecimento do espaço urbano é revisitado a cada confronto com sua mutante realidade, incorporam-se outras dimensões, à semelhança do que ocorre com o próprio objeto que persegue: a cidade. (FERRARA, 2000, p. 175)

Considerando a condição simbólica de leitura da paisagem dada pelos princípios da semiótica, os estereótipos urbanos são encontrados como representações características de grupos sociais e culturais em diversos modos e meios. Elementos, linguagens e impressões, ou na perspectiva peirciana da semiótica, ícones, símbolos e índices que levam ao reconhecimento, direto ou indireto, das representações dominantes do espaço.

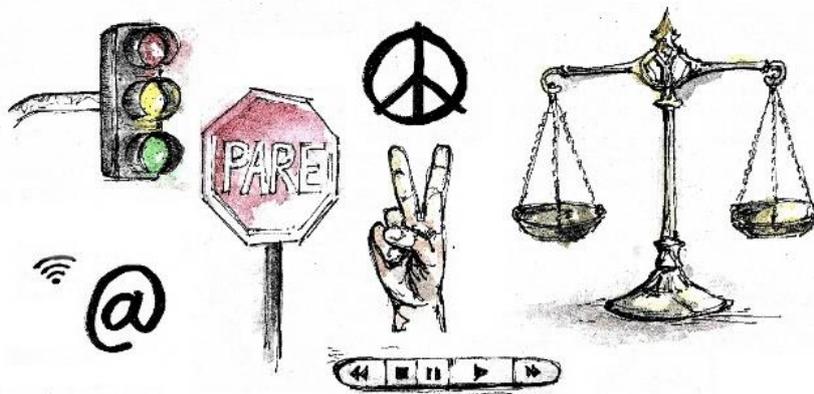
[...] o simples ato de olhar já está carregado de interpretação, visto que é sempre o resultado de uma elaboração cognitiva, fruto de uma mediação sógnica que possibilita nossa orientação no espaço por um reconhecimento e assentimento diante das coisas que só o signo permite. (SANTAELLA, 1990, p. 79–80)

Todo exercício de atividade humana se insere num contexto mais amplo, na medida em que interage e interfere, ou age como interferidor, nos sistemas sociais, econômicos e culturais e, neles causam alterações ou confirmam suas intenções. Para reconhecer os padrões dessas interações é necessário que eles sejam representados por signos e ao reconhecê-los podemos estar incluídos ou não ao seu contexto. “O modo dessa representação revela a ação do sistema socioeconômico-cultural sobre nossos pensamentos, ou seja, como diz Pierce, “não podemos pensar sem signos”.” (FERRARA, 2002, p. 6)

Existem inúmeros meios de capturar essas informações, nesse trabalho foi utilizada um estudo iconográfico, que é um conjunto de imagens a respeito de um determinado assunto apresentando um estudo descritivo dessas imagens. A iconografia faz um contraponto entre o tema (ou mensagem) e à forma, “é apreendido pela identificação de certas formas visíveis com certos objetos que já conheço por experiência prática e pela identificação da mudança de suas relações com certas ações ou fatos.” (PANOFKY, 2004, p. 48). Para compreendê-lo é preciso uma familiaridade cotidiana com os objetos e fatos, integrado, assim, ao contexto social, cultural e temporal dos elementos.

A utilização de sistemas simbólicos de leitura na paisagem, principalmente urbana, é uma ação ocorrida comumente no nosso dia a dia, que traz em seu cerne uma gama de informações associadas à cultura de uma sociedade e aos seus repertórios de informações. Desde muito cedo signos de toda a espécie têm servido como uma das mais eficazes formas de comunicação. Senão, vejamos exemplos do nosso cotidiano, como sinais de trânsito, sinais e gestos que orientam e comunicam e alegorias, como a balança, para definir o conceito de Justiça (Figura 6).

Figura 6: Sistema de signos como forma de comunicação simbólica



Fonte: Representação autoral (2022).

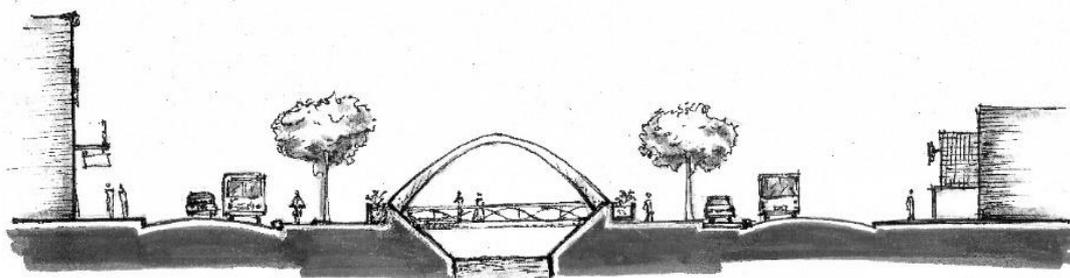
No processo deste trabalho, é necessário reduzir os “ruidos” na relação das intenções na produção da imagem e, posteriormente, nas finalidades na interpretação do interlocutor. Para isso, foi definido o uso de representações autorais em desenhos monocromáticos, com a intenção de se afastar do contexto da locação a ser estudada, na busca de representar elementos que tendem a ser reconhecíveis em quaisquer fachadas e em quaisquer lugares, reforçando assim a característica de estereótipo. Também, a representação das fachadas em vistas ortogonais isoladas do contexto reforça essa demonstração dos elementos e das análises possíveis, de forma tal a somente ser possível reconhecer o lugar analisado quando os desenhos são aplicados ao contexto e analisados pela dinâmica do local.

### **Breve contextualização e caracterização da Beira Valão**

A consolidação da malha urbana da cidade de Campos dos Goytacazes inicia sua ocupação às margens do rio Paraíba do Sul e se estende ao longo do seu curso. O Canal teve importante influência na expansão da malha urbana da cidade. Os planos urbanísticos sempre irradiavam a expansão da mancha urbana a partir do rio Paraíba do Sul, porém o Canal sempre teve uma posição de destaque nessa expansão, principalmente a partir do final do século XIX, quando sua presença começa a ser mais importante. Possui uma posição na cidade que se apresenta como uma fronteira entre os dois principais centros comerciais: a leste o centro histórico, de caráter mais popular e de baixa renda; e a oeste a região da Pelinca, centro comercial mais novo e com características de comércio voltado à população de renda média e alta.

Toda a extensão desta região integra o principal trecho de conexão da malha urbana da cidade, tendo grande importância na mobilidade e no transporte. A avenida dotada de três vias para veículos automotores em cada direção, sendo uma avenida estruturante da malha viária da cidade, costuma ter muito movimento durante o dia e retenções nos horários de pico. O perfil apresentado na figura 6 demonstra que as calçadas junto às edificações possuem, na maioria das vezes, dimensões e condições razoáveis, já a ciclovia e a calçada disponíveis às margens do Canal possuem dimensões estreitas e conflituosas devido a seu desenho sinuoso que se mistura e necessita desviar das árvores e das vagas de estacionamento. As vagas se posicionam ao longo das calçadas e são necessárias manobras pouco práticas para uma via de grande movimento (Figura 7).

Figura 7: Perfil esquemático da “Beira Valão”



Fonte: Representação autoral (2022)

No século XX instalaram se em suas margens importantes empreendimentos, como o Mercado Municipal (1921), a Rodoviária Roberto Silveira (1962) e o Parque Alberto Sampaio (1988), que consolidaram a “Beira Valão” como um importante eixo estrutural da mancha urbana do município. No início deste último século poucas intervenções públicas foram implementadas, tendo destaque a Ponte Leonel Brizola (2007) e seu viaduto de acesso, que gerou novos espaços e permitiu novos modos de apropriação, e as instalações provisórias do Shopping Popular Michel Haddad sobre trecho do Parque Alberto Sampaio (Figura 8), ainda existente no espaço provisório, mesmo após a inauguração do Novo Shopping Popular Michel Haddad em dezembro de 2022.

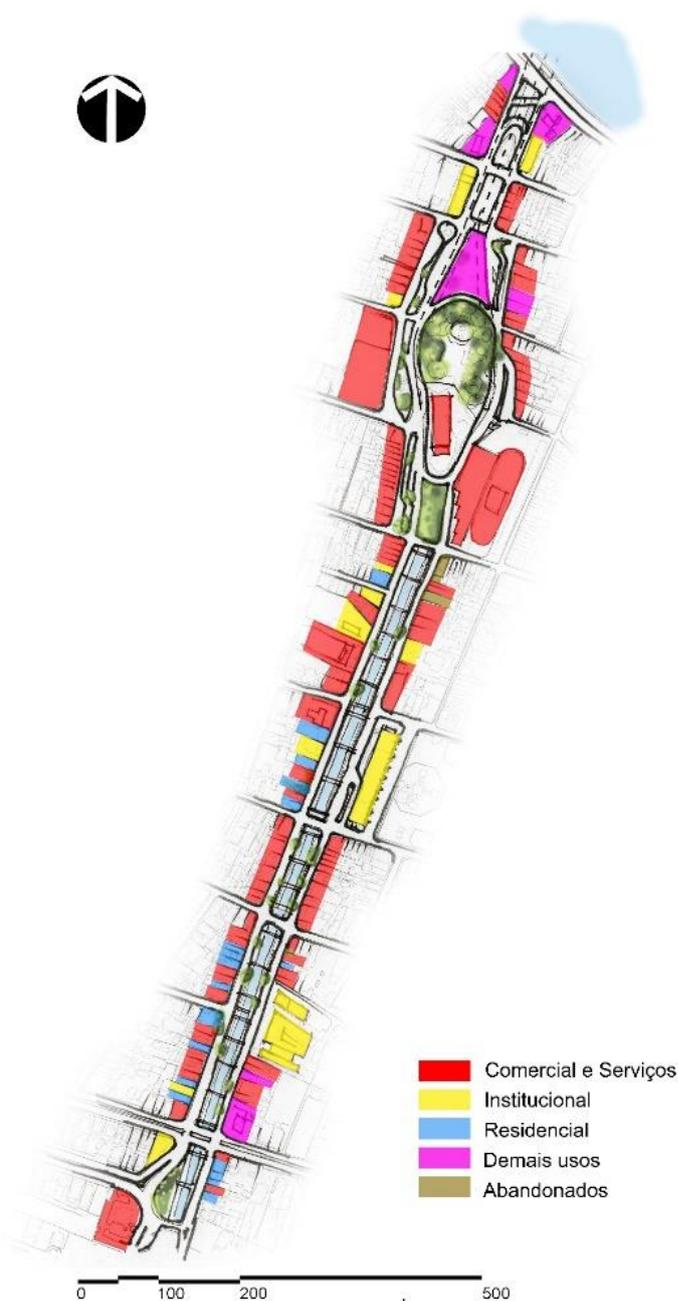
Figura 8: Principais empreendimentos na “Beira Valão”



Fonte: Autoria própria (2022).

As principais características de uso e ocupação dos edifícios, considerando sua fachada térrea e a área selecionada para a pesquisa tem fortes atributos comerciais distribuída em toda sua extensão (Figura 9). As edificações institucionais não são numerosas, porém a maioria possui dimensões extremamente relevantes que chegam a ocupar toda uma quadra, ou parte significativa dela, o que faz com que essas composições possuam demasiada presença na área. As residências ainda existentes são mescladas entre as edificações comerciais, porém se apresentam somente a sul do Parque Alberto Sampaio e do lado oeste do Canal, trecho que se aproxima do bairro Pelinca, onde a cidade é mais verticalizada e possui valor do solo mais elevado. A leste do Canal, onde se localiza o Centro Histórico, as características comerciais de pequeno e médio porte são principais, mas também apresenta alguns estabelecimentos de grande relevância, como o Mercado Municipal, e as residências que podem ser encontradas estão em pavimentos superiores, muitas das quais convertidas em salas comerciais e escritórios. Nesta área existem muitas das edificações representantes do grande acervo de arquitetura eclética da cidade.

Figura 9: Mapa de uso e ocupação



Fonte: Autoria própria (2022).

## Iconografia da Beira Valão

Tendo o Canal Campos-Macaé sido contextualizado, podemos apresentar as características identificadas nas fachadas das edificações que o margeiam

A primeira etapa contempla a identificação das fachadas por carácter classificatório, apontando os elementos que apresentam as principais características da edificação. A segunda etapa identifica o conteúdo funcional das edificações e a terceira etapa especifica os conteúdos comerciais em função do acesso e exposição dos produtos.

As 153 (cento e cinquenta e três) edificações estão distribuídas nos dois lados do canal e sua avenida, estando as numerações pares localizadas na margem oeste do canal e as numerações ímpares pelo lado leste. Esta distribuição é bem equitativa em quantidades estando 52,9% das edificações no lado par enquanto se demais 47,1% se localizam no lado ímpar.

### Identificação

A grande maioria das edificações (49%) são de porte pequeno, ou seja, possuem até 6 (seis) metros de largura, o que não aparenta ser uma distinção de outros exemplos urbanos. As demais edificações se distribuem em 28,8% de tamanho médio (entre 6 e 15 metros de largura) e 22,2% de tamanho grande, as quais são edificações com fachadas maiores que 15 metros de largura (Figura 10).

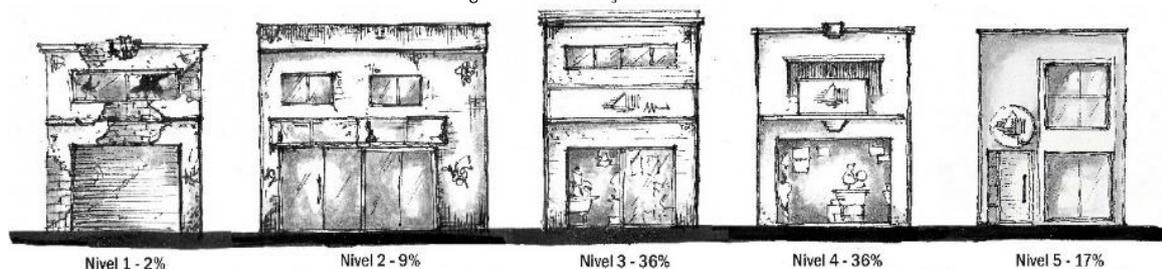
Figura 10: Porte das Edificações



Fonte: Representação autoral (2022).

Outro fator importante na identificação dos imóveis é a condição física, sendo aqui apontado pela análise visual da conservação dos elementos construídos identificáveis nas fachadas (Figura 11). Existe uma variedade muito grande de idades nas edificações, mas a proporção maior está nas edificações com 30 anos ou mais de idade e isso reflete na condição física delas. Foi estipulada uma gradação desse aspecto em cinco níveis, sendo o nível 1 caracterizado por imóveis que apresentam aspectos de abandono, vandalismos físicos (esquadrias e vidros quebrados ou falta deles), deterioração de materiais e vedação permanente de aberturas; o nível 2 se refere a aqueles que apresentam vandalismos gráficos, sem ou pouca deterioração de materiais; já o nível 3 destaca edificações que estão em bom estado de conservação, mas que sofreram a ação do tempo, ou seja, estão há tempos sem intervenções e com alguma indicação de vandalismo gráfico, mas sem destaque; o nível 4 representa as fachadas que foram renovadas e/ou mantidas em muito bom estado e visivelmente bem mantidos, sem a presença de vandalismo ou outra informação que não seja intencional do estabelecimento; por fim, o nível 5 demonstra a qualidade das edificações recém construídas e/ou reformadas, com materiais novos que buscam uma modernização visual e contemporaneidade.

Figura 11: Condição do imóvel

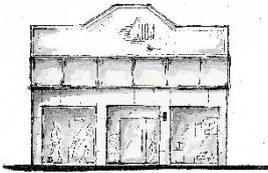
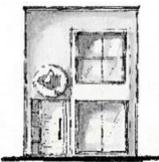
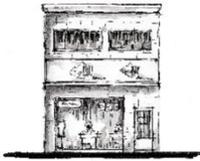
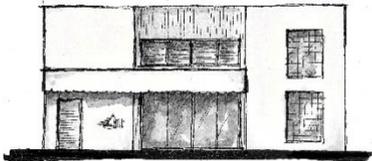
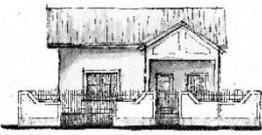
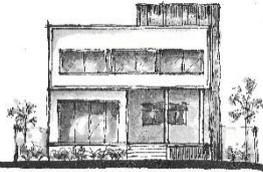
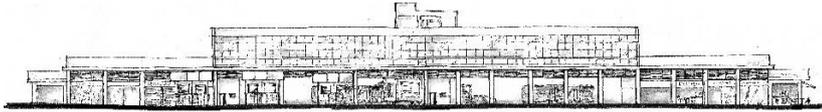
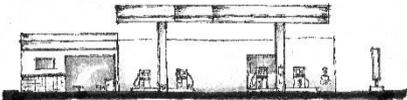


Fonte: Representação autoral (2022).

É interessante observar que a grande maioria está em boas condições, considerando que somente 11% das edificações se colocam abaixo do nível 3, corroborando o fato de 11% dos imóveis estarem abandonados/interditados ou fechados (com placas de venda ou aluguel), demonstrando que o local está em pleno funcionamento e preenche de atividades a área.

Na sequência a tabela 1 demonstra os tipos e usos, identificando as atividades do lugar, diferenciando suas funções para poder categorizar a análise dos elementos visuais que compõem as fachadas. Foram divididos como: comercial, comercial misto, residencial, institucional e demais usos.

Tabela 1: Uso das edificações

USO	QUANT	EXEMPLOS	
Comercial	35%		
Comercial Misto	31%		
Residencial	16%		
Institucional	10%		
Demais usos	8%		

As atividades foram identificadas pela sua função, porém o uso comercial foi separado em duas categorias de acordo com o tipo de informação que o imóvel apresenta. Foi considerada “comercial” aquela fachada, ou trecho de fachada, de uso único e que somente possui acesso para sua atividade principal. Já o tipo “comercial misto” considera as fachadas que além da entrada principal possuem ao seu contexto um segundo acesso que pode se configurar como entrada de serviço ou acesso a pavimentos superiores.

A categoria residencial se aplica às edificações de uso exclusivo como residência, não apresentando nenhum tipo de comunicação gráfica que a destina a alguma outra atividade. Os imóveis institucionais se categorizam pelas edificações cuja comunicação visual e elementos gráficos o destinam a esse uso, independentemente da sua forma de ocupação, podendo ser encontrados exemplos em edifícios projetados e construídos para a função abrigada ou antigas residências convertidas para o uso atual. Constituíram-se como demais usos aqueles que não se adequaram

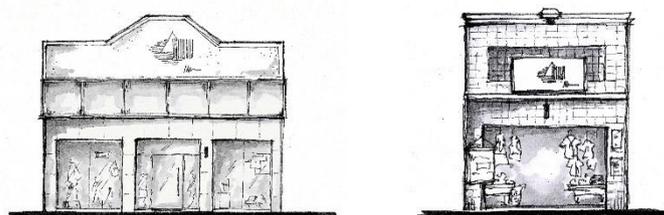
diretamente nas composições definidas nos itens anteriores, como postos de combustível, estacionamentos, edificações abandonadas e afins.

Essa classificação colaborou na definição de quais elementos seriam realmente importantes analisar considerando aqueles que, ao compor a maioria no espaço são os que mais sofrem ou influenciam as inferências do lugar. Levando em consideração que quase 70% das fachadas analisadas são compostas pela classificação comercial e comercial misto, serão essas categorias que terão maior peso na composição deste exame, sem desconsiderar a apresentação das demais categorias para efeito de checagem e apontamentos necessários.

### Especificação

Entre os elementos considerados na análise, a posição da edificação em relação à calçada se torna um fator importante. A maioria das fachadas comerciais (60%) não possuem controle de acesso por meio de barreiras ou portas, sendo aberto para o exterior sem obstáculos. Os demais 40% apresentam algum tipo de controle de acesso por meio de portas e vitrines. A figura 12 demonstra, respectivamente, exemplos de fachadas comerciais com e sem controle de acesso.

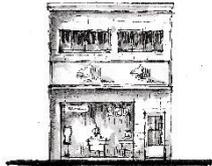
Figura 12: Exemplos de fachadas comerciais com e sem controle de acesso

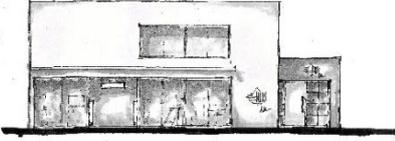
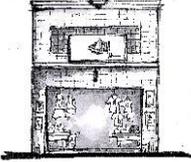


Fonte: Representação autoral (2022).

Outra questão pertinente ao acesso é o seu tamanho em relação à fachada, indicando o quanto ela é permeável à movimentação dos usuários, se permite uma grande movimentação ou alta rotatividade no local e se há espaço para expositores e vitrines. A tabela 2 demonstra que nesse quesito existe uma grande variedade no tamanho dos acessos, não sendo possível definir uma dimensão predominante.

Tabela 2: Tamanho do acesso em relação a fachada

TIPO	QUANT	EXEMPLOS
Até 20%	10%	
De 20% a 40%	28%	
De 40% a 60%	26%	

De 60% a 80%	16%	
Acima de 80%	20%	

A idade das edificações e da área analisada também pode ser considerada como justificativa para que 80% dos imóveis não possuam afastamentos das divisas, ocupando a totalidade do terreno, característica muito comuns em centros antigos. Aqueles que possuem afastamentos em suas divisas são, na maioria e pelos parâmetros dessa análise, imóveis de grande porte e as poucas fachadas de porte menor que possuem afastamentos estão relacionadas a edificações que inicialmente eram residenciais, mas foram totalmente adaptadas para a atividade comercial. Outra questão que pode ser relacionada aos afastamentos é a possibilidade de o estabelecimento possuir vagas de estacionamento. Identificamos que a falta de afastamento impossibilita a disponibilidade de vagas, por não haver espaço físico para isso.

Os materiais de revestimento nas fachadas dessas edificações são os mais comuns encontrados, principalmente, em comércio de rua, sendo a maioria uma pintura sobre o reboco, mas também contemplando revestimentos cerâmicos e revestimentos naturais como pedras e madeira. Esses materiais somam 90% dos revestimentos identificados nas fachadas (Tabela 3), talvez pelo fato de ser uma área mais antiga da cidade.

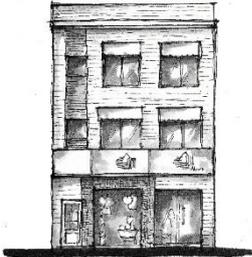
Tabela 3: Materiais de revestimento

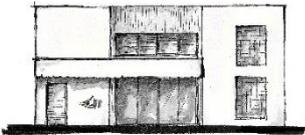
TIPO	QUANT
Reboco e pintura	66%
Revestimento cerâmico	24%
Revestimento natural (madeira, pedra e afins)	9%
ACM (material de alumínio composto)	1%

A área apresenta pouquíssimos exemplares de materiais com tecnologias mais recentemente utilizadas, como o ACM por exemplo, demonstrando uma característica de permanência das atividades, sofrendo poucas alterações de uso. Aos poucos vemos essa mudança ocorrendo na região mais a sul do Canal.

Quase um terço dessas fachadas não possui nenhum tipo de proteção contra intempéries, estando expostas ao sol e à chuva (Tabela 4). As demais estão praticamente divididas entre marquises e toldos.

Tabela 2: Proteção contra intempéries

TIPO	QUANT	EXEMPLOS
Marquise	36%	

Toldo	29%	
Outro	4%	
Não possui	14%	

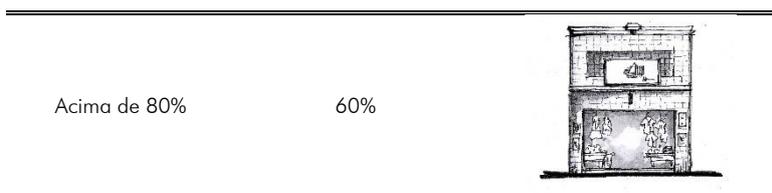
A presença das marquises é muito comum nas edificações de uso misto que possuem pavimentos superiores, sendo elas o elemento que separa visualmente na fachada o térreo dos demais pavimentos sendo elas projetadas com o edifício. As marquises nesses casos são utilizadas para proteção das calçadas das intempéries e para a aplicação de letreiros. É usual a implementação de unidades externas de aparelhos de ar-condicionado e outros equipamentos por detrás das marquises.

Os toldos se apresentam como uma solução às intempéries aplicadas posteriormente ao funcionamento do estabelecimento, por uma necessidade percebida pelo uso cotidiano do edifício. Os 4% identificados como outros são proteções geradas por motivos distintos, podendo ser desde fachada recuada sendo protegida pela laje do pavimento superior até estrutura de letreiro grande o suficiente para se tornar proteção.

Somente 24% de todos os estabelecimentos na área possuem vitrine fechada com algum tipo de controle físico de acesso, enquanto os demais 76% não possuem esse controle e mantêm seus produtos ou serviços abertos e sem obstáculos entre o produto e o cliente. Isso, somado às informações sobre a visibilidade dos produtos expostos na fachada da Tabela 5 que indicam que 60% dos estabelecimentos possuem mais de 80% da fachada sendo ocupada por exposição de produtos e serviços, basicamente restando o espaço de acesso ao seu interior livre, corrobora o entendimento de que os comércios do local buscam atrair o cliente pela quantidade e diversidade dos produtos oferecidos pelo estabelecimento.

Tabela 3: Visibilidade de produtos e serviços na fachada

TIPO	QUANT	EXEMPLOS
Até 20%	12%	
De 20% a 50%	14%	
De 50% a 80%	14%	



Esses dados podem ajudar a definir as representações socioeconômicas mais frequentes no lugar, considerando que é característico de estabelecimentos mais populares o fato de prezarem mais pela quantidade, diversidade e preço dos produtos e serviços do que pela exclusividade e/ou individualidade. No caminho contrário, aparecerem os espaços que possuem produtos e serviços com valores mais elevados, pois expõem menos produtos em suas vitrines, buscando conquistar seu cliente a partir de uma ideia de exclusividade e individualidade.

Quanto a comunicação visual é relevante apontar que foram levantados e determinados a sua relação com a fachada, seu posicionamento e suas dimensões, mas não caberiam neste trabalho. Para além disso é importante ressaltar, como estereótipo urbano que aponta a presença de determinadas representações sociais, a materialidade dos letreiros.

Analisar a origem dos materiais e dos tipos de letreiro nos permite entender um pouco os tipos de estabelecimentos presentes no local e o público ao qual se destinam. O letreiro onde as informações do estabelecimento são pintadas diretamente nas paredes da fachada do edifício ou em bases rígidas (metal ou madeira) e afixadas no local é bem comum em estabelecimentos mais antigos, por ser uma prática que não envolve tecnologias e/ou computação gráfica apuradas. A estética desses letreiros, reconhecida na área do design gráfico como vernacular, costuma ser bem simples e focada na tipografia e nas informações diretas sobre as funções do lugar. Os pouquíssimos exemplares que possuem algum tipo de diagrama ou desenho associado a tipografia não apresentam composições conceituais ou logotipos elaborados, mas sim desenhos literais das atividades exercidas. Por exemplo, uma loja de conserto de fogões irá apresentar o desenho de um fogão na sua fachada.

O letreiro em lona com armação metálica simples possui uma manufatura pouco complexa e onerosa na qual as informações do estabelecimento são impressas em uma lona plástica e fixadas em uma estrutura metálica pintada. As informações desses letreiros possuem tanto informações tipográficas quanto diagramas e gráficos devido à "facilidade" na produção de imagens e vetores que a computação gráfica proporcionou nos últimos anos, mas a qualidade dessas informações são, muitas vezes, questionáveis no que se refere à composição técnica e artística, pois nem sempre são produzidos por profissionais do design gráfico. É um dos tipos mais comuns devido ao baixo custo, praticidade na execução e à sua resistência às intempéries, sendo a versão mais contemporânea das pinturas na fachada, por não envolver muita técnica ou tecnologia apurada.

Já o letreiro em lona ou chapa metálica com caixa é um formato um pouco mais elaborado na sua construção quando comparado ao tipo anterior, possuindo uma estrutura mais complexa permitindo formatos mais variados podendo envolver um sistema de iluminação backlight para melhor visibilidade durante o período noturno. Está há bastante tempo disponível no mercado, sendo o principal detentor das características mais cobiçadas pelos estabelecimentos que buscavam letreiros com mais imposição visual. Com o passar dos anos foi sendo trocado pelos tipos apresentados a seguir.

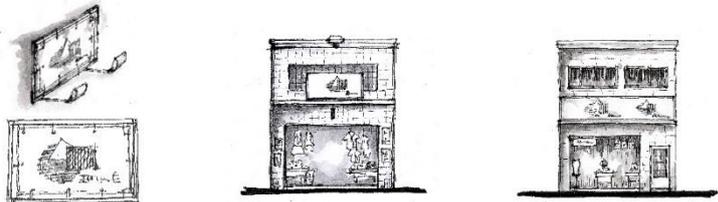
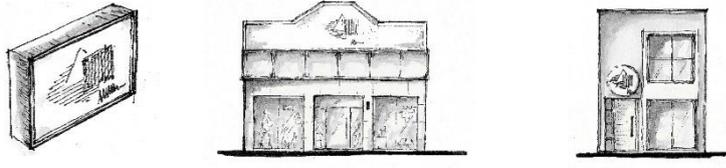
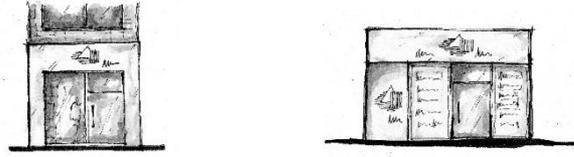
As letras ou gráficos em relevo são a tipologia mais complexa e diversa que pode ser encontrada atualmente, podendo ser produzida em diversos tipos de materiais, texturas e relevos, e exigindo uma produção especializada, por ser mais onerosa. Costuma apresentar elementos gráficos técnicos e artísticos mais bem elaborados. Nele é possível associar sistemas de iluminação e outras composições em que, atualmente, é comum ser utilizado de forma mista com os revestimentos de ACM ou PVC.

A cobertura em ACM ou PVC com marca é produzida com placas de composto de alumínio ou plástico que possibilitam vários modos de utilização devido à variedade e à maleabilidade dos materiais. Atualmente é um dos tipos de letreiro mais cobiçados pela sua praticidade, aplicabilidade e durabilidade, além da aparência clean, ao

permitir recobrir total ou parcialmente a fachada, dando um ar de contemporaneidade ao lugar independentemente da idade do edifício.

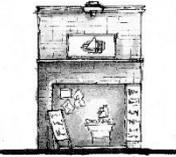
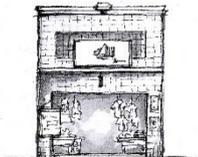
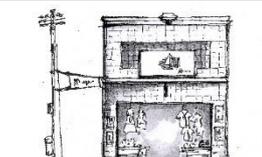
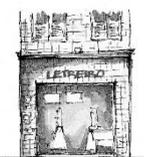
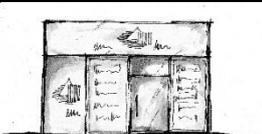
Podem ser de vários materiais e técnicas e estão listados na tabela 6 que demonstra os mais comumente encontrados no local.

Tabela 6: Material/técnica de execução do letreiro

MATERIAL / TÉCNICA	QUANT	EXEMPLOS	
Pintura direto na parede ou em base	14%		
Plotagem em lona com armação metálica simples	25%		
Plotagem em lona com caixa e iluminação	30%		
Letras ou gráficos em relevo	17%		
ACM ou PVC	14%		

Outro fator importante na comunicação visual dos estabelecimentos são as informações complementares associadas às atividades do lugar: cartazes, banners, placas, adesivos entre outros são elementos que atuam na atração imediata do público por meio de chamadas ativas, promoções e listagem de serviços e produtos disponíveis (Tabela 7).

Tabela 74: Tipos de comunicação visual complementar

COMUNICAÇÃO VISUAL	QUANT	EXEMPLOS
Placas	6%	
Banners e Cartazes	23%	
Faixas	5%	
Pintura	10%	
Adesivos	14%	

Essas aplicações tendem a ter caráter de informação complementar, buscando atrair a atenção pela chamada ativa ligada à promoção do momento ou ao evento do calendário que dá a temática da temporada. Em estabelecimentos comerciais mais populares ou quando há muita variedade de produtos expostos na fachada, essas chamadas ou informações, muitas vezes, se tornam permanentes e fazem parte da composição do espaço.

Quando as comunicações visuais complementares são em estabelecimentos de prestação de serviços, essas características de permanência das informações são ainda mais fortes, pois, nesses casos, são comunicações extremamente pertinentes ao funcionamento do estabelecimento ao evidenciar quais são os serviços prestados.

De forma sucinta é possível apontar que, mesmo apresentando grande diversidade de atividades e funções, predomina na Beira Valão representações sociais de cunho mais popular, visto que os estereótipos urbanos identificados nas fachadas das edificações são próprios destes grupos. As características morfológicas e sociais do Canal, além de outros fatores não apresentados neste trabalho, corroboram esta afirmação.

## CONCLUSÃO

A leitura destes elementos pode contribuir no entendimento das representações sociais atuantes no lugar, como são atraídas para lá, quais delas são mais visadas pelos estabelecimentos e atividades e, não obstante, em que locais isso acontece com mais frequência. Pelos apontamentos aqui apresentados, somados as interpretações possíveis que essas informações nos passam, é possível estabelecer estereótipos urbanos que indicam a presença dessas representações sociais.

Mesmo que a representação ali estampada nas formas e funções do espaço não pareçam ser representantes crassos da cultura do lugar e talvez nos remeta ao que parece ser um “não-lugar”, termo cunhado por Marc Augé (2012) sobre os espaços intercambiáveis onde permanecemos anônimos e que não possuem significado o suficiente para serem

considerados “lugares”, irão existir signos que possuem algum significado representativo reconhecível dessa identidade, enquanto sociedade, e em um olhar mais aproximado e atento podem ser percebidos

No contexto da pós-modernidade, esses padrões tendem a não ser mais uma referência estável, “no mundo contemporâneo a homogeneidade perdeu significado e as propostas do pós-moderno se fundamentam nessa convicção.” (LEITE, 2006, p. 103) e nessa linha de afirmação Bauman (2001) também disserta:

São esses padrões, códigos e regras a que podíamos nos conformar, que podíamos selecionar como pontos estáveis de orientação e pelos quais podíamos nos deixar depois guiar, que estão cada vez mais em falta. Isso não quer dizer que nossos contemporâneos sejam guiados tão somente por sua própria imaginação e resolução e sejam livres para construir seu modo de vida a partir do zero e segundo sua vontade, ou que não sejam mais dependentes da sociedade para obter as plantas e os materiais de construção. Mas quer dizer que estamos passando de uma era de “grupos de referência” predeterminados a uma outra de “comparação universal”, em que o destino dos trabalhos de autoconstrução individual está endêmica e incuravelmente subdeterminado, não está dado de antemão, e tende a sofrer numerosas e profundas mudanças antes que esses trabalhos alcancem seu único fim genuíno: o fim do indivíduo. (BAUMAN, 2001, p. 14)

Então se, de algum modo, a cidade influencia na formação do indivíduo é possível afirmar que, sendo palco das interações humanas, ela reflete esses padrões e é influenciada por ele.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AB’SÁBER, Aziz Nacib. **Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. São Paulo: Ateliê editorial, 2003. v. 1
- ALIPRANDI, Danielly Cozer. **O sistema de espaços livres da cidade de Campos dos Goytacazes/RJ: Carências e Potencialidades**. 2017. FAU / UFRJ, Rio de Janeiro, 2017.
- AUGÉ, Marc. **Não Lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. 9ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- FERRARA, Lucrécia D’Alessio. **Os significados urbanos**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2000.
- FERRARA, Lucrécia D’Alessio. **Leitura Sem Palavras**. 4ª ed. São Paulo-SP: Atica, 2002.
- FERRARA, Lucrécia D’Alessio. **Estratégia dos signos**. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- GROAT, Linda N.; WANG, David. **Architectural Research Methods**. 2ª ed. New Jersey: Wiley, 2013.
- LEITE, Maria Angela Faggin Pereira. A paisagem, a natureza e a natureza das atitudes do homem. **Paisagem e Ambiente**, [S. l.], n. 4, p. 45–66, 1992. DOI: 10.11606/issn.2359-5361. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/paam/article/view/133738>.
- LEITE, Maria Angela Faggin Pereira. **Destruição ou desconstrução? Questões de paisagem e tendências de regionalização**. 2ª ed. São Paulo: Editora HUCITEC, 2006.
- MACEDO, Silvio Soares. **Quadro do paisagismo no Brasil**. [s.l.] : Projeto Quapá, Laboratório da Paisagem, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo ..., 1999.
- PANOFSKY, Erwin. Iconografia e iconologia: uma introdução ao estudo da arte da renascença. *In: Significado nas artes visuais*. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2004. p. 47 à 87. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=NMT4PQAACAAJ>.
- SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1990.